

**ENSINO DE HISTÓRIA
INDÍGENA ATRAVÉS DO
CINEMA: UMA EXPERIÊNCIA
PEDAGÓGICA**

Editora Brazil Publishing

Conselho Editorial Internacional

Presidente:

Rodrigo Horochovski (UFPR - Brasil)

Membros do Conselho:

Anita Leocadia Prestes (Instituto Luiz Carlos Prestes - Brasil)

Claudia Maria Elisa Romero Vivas (Universidad Del Norte - Colômbia)

José Antonio González Lavaut (Universidad de La Habana - Cuba)

Ingo Wolfgang Sarlet (PUCRS - Brasil)

Milton Luiz Horn Vieira (UFSC - Brasil)

Marília Murata (UFPR - Brasil)

Hsin-Ying Li (National Taiwan University - China)

Ruben Sílvio Varela Santos Martins (Universidade de Évora - Portugal)

Fabiana Queiroz (UFLA - Brasil)



© Editora Brazil Publishing
Presidente Executiva: Sandra Heck

Rua Padre Germano Mayer, 407
Cristo Rei - Curitiba PR - 80050-270

+55 (41) 3022-6005

www.aeditora.com.br

Lais Alves Sanchez

**ENSINO DE HISTÓRIA
INDÍGENA ATRAVÉS DO
CINEMA: UMA EXPERIÊNCIA
PEDAGÓGICA**



BRAZIL PUBLISHING

Comitê Científico da área Ciências Humanas

Presidente: Professor Doutor Fabrício R. L. Tomio (UFPR – Sociologia)
Professor Doutor Nilo Ribeiro Júnior (FAJE – Filosofia)
Professor Doutor Renee Volpato Viaro (PUC – Psicologia)
Professor Doutor Daniel Delgado Queissada (UniAGES – Serviço Social)
Professor Doutor Jorge Luiz Bezerra Nóvoa (UFBA – Sociologia)
Professora Doutora Marlene Tamanini (UFPR – Sociologia)
Professora Doutora Luciana Ferreira (UFPR – Geografia)
Professora Doutora Marlucy Alves Paraíso (UFMG – Educação)
Professor Doutor Cezar Honorato (UFF – História)
Professor Doutor Clóvis Ecco (PUC-GO – Ciências da Religião)
Professor Doutor Fauston Negreiros (UFPI – Psicologia)
Professor Doutor Luiz Antônio Bogo Chies (UCPel – Sociologia)
Professor Doutor Mario Jorge da Motta Bastos (UFF – História)
Professor Doutor Israel Kujawa (PPGP da IMED – Psicologia)
Professora Doutora Maria Paula Prates Machado (UFCSPA- Antropologia Social)

Editor Chefe: Sandra Heck
Diagramação e Projeto Gráfico: Brenner Silva
Capa: João Neto
Revisão de Texto: A autora
Revisão Editorial: Editora Brazil Publishing
DOI: 10.31012/978-65-5016-043-2



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) BIBLIOTECÁRIA: MARIA ISABEL SCHIAVON KINASZ, CRB9 / 626

Sanchez, Lais Alves
S211e Ensino de história indígena através do cinema: uma experiência pedagógica / Lais Alves
Sanchez - 1.ed. – Curitiba: Brazil Publishing, 2019.
216p.; 23cm

ISBN 978-65-5016-043-2

1. História – Estudo e ensino. 2. História indígena – Estudo e ensino. 3. Cinema – Aspectos pedagógicos. 4. História indígena – Cinema. I. Título.

CDD 907 (22.ed)

CDU 93:373

Curitiba / Brasil
2019

Aos meus alunos....



AGRADECIMENTOS

A pesquisa que originou este livro não seria possível sem a presença de inúmeras pessoas em minha vida.

Agradeço imensamente à professora Antonia Terra de Calazans Fernandes pelo incentivo, paciência, críticas, e rigor na orientação da minha pesquisa do mestrado. Aos professores Circe Bittencourt e Marcos Napolitano, pelas críticas e sugestões no momento da qualificação que enriqueceram o trabalho, alterando significativamente os caminhos percorridos para a conclusão. E, também, por aceitarem participar do momento da defesa e terem lido e discutido o meu trabalho com tanto afinco, enriquecendo a minha relação com o cinema e o ensino de História.

A todos do Colégio João Friaza, por contribuírem com a minha formação e atuação docente, por todo o apoio dado no momento da minha pesquisa e por terem me ensinado “a mágica de estar na sala de aula”. Ao João Friaza, Wellington Viana e Rodrigo Henrique, meus primeiros chefes, amigos e professores, aos quais sou grata por todas as oportunidades que me proporcionaram.

Aos meus pais, Jonas e Izabel, e meus irmãos, Patrícia e João, pelo incentivo, paciência e compreensão pelos momentos de ansiedade e ausência durante os anos de pesquisa. Por todo apoio e por serem os meus exemplos de vida, por terem me ensinado o valor da educação, da persistência, da determinação e de que família está sempre ao nosso lado para que nos sintamos mais fortes e mais capazes.

Ao meu marido, Milton Takano, pelo apoio incondicional para a publicação deste livro e em todas as minhas decisões profissionais e pessoais.

E a todos os meus alunos, sem os quais este trabalho e minha carreira não seriam possíveis, nem fariam sentido.



APRESENTAÇÃO

Este livro é resultado da minha pesquisa de mestrado defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo no fim de 2014. Nesses anos que separam a defesa e a edição deste livro muitas aulas se passaram, muitos filmes foram assistidos e analisados, mas o desejo de que o propósito da minha pesquisa se concretizasse continuou. O objetivo é extrapolar os muros da universidade e chegar às mãos do professor de educação básica que, assim como eu, vê se diante de uma infinidade de desafios a cada temática nova proposta.

Nasci em São Paulo, no seio de uma família em que a educação era algo fundamental. Meus pais sempre incentivaram a mim e aos meus irmãos a levarmos com seriedade nossos estudos e isso moldou parte de quem eu sou hoje. Ainda no ensino fundamental – na antiga oitava série – decidi que cursaria História, inspirada em muito pelos acontecimentos históricos estudados até então, mas muito também pelos ótimos professores que passaram pela minha vida. No final de 2002, mudei-me para o município de Embu Guaçu, na grande São Paulo, e lá a vontade de me dedicar à educação se consolidou. Conheci professores incríveis que incentivaram o meu ingresso na universidade pública e alimentaram meu desejo pelo ensino de História.

Ingressei no bacharelado em História da Universidade de São Paulo em 2007, e no ano seguinte fui convidada a trabalhar com o Ensino Médio, no *Colégio João Friaza*, em Embu Guaçu. Pequena escola particular, que durante sete anos foi meu ambiente de trabalho e de riquíssimas trocas de aprendizagem. Foi a partir do contato com a sala de aula que decidi iniciar a Licenciatura em História, também na USP.

Meus primeiros trabalhos como professora foram à frente de um projeto intitulado *Cinema e História* cujo objetivo, proposto pela coordenação da escola, era o de trabalhar filmes com temáticas históricas, paralelamente ao trabalho realizado pelo outro professor na disciplina de História. O projeto, inserido na grade curricular, com duas aulas semanais com cada turma do Ensino Médio, proporcionou-me entender o recurso como sig-

nificativo e próximo ao mundo dos estudantes. Nas aulas de História, de Ensino Fundamental II e Médio, as quais me foram atribuídas a partir de 2009, o cinema foi incorporado como um dos principais recursos.

Ainda durante a graduação, minhas atividades fora dos momentos de trabalho, me levavam a repensar constantemente minha prática docente. O que sempre me chamou mais atenção eram as produções cinematográficas. As idas ao cinema, ou filmes assistidos em casa, tornavam-se verdadeiros laboratórios de plano de aula.

O meu objetivo enquanto professora era o de ultrapassar o aspecto conteudista tradicional, ainda que essa dimensão fosse a oficial e necessária, devido às demandas das provas de ingresso nas universidades brasileiras. O uso do cinema enquanto objeto, material didático e linguagem diferenciada proporcionava esse alargamento de horizontes que o Ensino de História, a meu ver, permite, pois diversas são as relações que podem ser estabelecidas entre os filmes que os alunos assistem e o estudo da História. Sendo assim, a prática docente me encaminhava para a reflexão do cinema como recurso didático.

Minhas preocupações passaram a ser sobre: como utilizar os filmes nas aulas de História? Quais as melhores formas de abordar o cinema? Como relacionar os contextos e as produções? Como trabalhar filmes que não abordam ‘temas históricos’? Como avaliar a aprendizagem a partir de um filme? Quais os conhecimentos específicos da linguagem cinematográfica são necessários ao professor e aos alunos? Como trabalhar essa especificidade de linguagem? Eram muitas as inquietações.

No último ano da graduação, na disciplina *Ensino de História: Teoria e Prática*, do Departamento de História, ministrada pela professora Dra. Antonia Terra de Calazans Fernandes, pude pensar a utilização dos filmes de maneira mais profunda. Na disciplina, entrei em contato com o cinema de temática indígena, a partir da exibição de filmes dos Cineastas Indígenas – Panará, do projeto *Vídeo nas Aldeias*.

Ingressei no Programa de Pós-Graduação em História Social, em 2011, com pesquisa na área de Ensino de História. O projeto inicial, intitulado *As relações entre o mundo do Cinema e a História Ensinada*, tinha como objetivo centrar-se nas reflexões sobre o uso do cinema de am-

pla divulgação como material didático. Os estudos teóricos sobre Cinema e História ocorreram neste primeiro momento da pesquisa. A escolha pela temática indígena, em 2012, ocorreu devido à importância do estudo das histórias dos índios do Brasil, do interesse pelos filmes que tratavam da questão e da necessidade de uma discussão e reflexão sobre a recente Lei nº 11.645 de 2008, que apresenta a obrigatoriedade de trabalhar o tema, inserindo-o nos conteúdos de História. A promulgação da lei foi um passo importante para a história dos povos indígenas, e para a sociedade brasileira como um todo, pois apresenta uma oportunidade de desconstruirmos determinadas visões sobre as populações indígenas (e afro-brasileiras) e sobre processos históricos nacionais já consolidados.

A hipótese levantada para a pesquisa foi a de que o trabalho com o cinema de temática indígena poderia trazer aos alunos de Ensino Fundamental II e Médio uma perspectiva maior de reflexão acerca do estudo da história dessas populações, seus processos históricos e suas atuações na contemporaneidade. A partir destas reflexões, o ensino de História pode ser entendido fora do ponto de vista eurocêntrico com a qual vem sendo tratado na maior parte dos currículos escolares. Busquei, também, entender como o recurso e a temática são trabalhados em sala de aula, através de entrevistas com professores de diversas realidades: escolas particulares e públicas, da rede municipal e estadual, de São Paulo. Essas pesquisas trouxeram à tona angústias e dificuldades reais da prática docente, o que me convencia ainda mais de que as análises fílmicas, transformadas na ideia de sinopses didáticas contribuiriam para o trabalho da temática indígena.

Para esse estudo foi necessário, então, traçar diversos caminhos de pesquisa e cruzá-los posteriormente, visto que abrange as relações entre o Cinema e a História, o Cinema e o Ensino de História, a Temática Indígena, o Cinema de Temática Indígena, para finalmente pensar o Cinema de Temática Indígena enquanto material didático para o Ensino de História. Durante o tempo em que esta pesquisa se desenvolveu não foram encontrados trabalhos acadêmicos específicos sobre o uso deste recorte no cinema em sala de aula, o que lançou o desafio de estabelecer conexões entre essas diversas áreas. A pesquisa foi sendo conduzida para

a prática escolar, na medida em que as reflexões teóricas iam fornecendo subsídios para o trabalho com os alunos.

Inicialmente me debrucei em três produções fílmicas para o trabalho na sala de aula: *Cineastas Indígenas – Panará* (2005-2008) produzido pelo grupo Vídeo nas Aldeias; *Terra Vermelha* (2008) de Marco Bechis; e, *Xingu* (2013) de Cao Hamburger. A partir das sugestões dos professores Marcos Napolitano e Circe Bittencourt, ambos da minha banca examinadora da qualificação do mestrado, delimito um recorte temático diferente de maneira a permitir maiores reflexões sobre as representações para os indígenas no cinema: as representações indígenas no cinema nacional a partir dos anos de 1970.

A escolha dos filmes para análises didáticas ocorreu a partir do olhar de trabalhar uma seleção representativa de imagens mais recorrentes que foram construídas sobre os grupos indígenas a partir de então. Isso não significa que as obras anteriores ao período não sejam de igual importância. Mas a proposta foi identificar mudanças de percepções imagéticas sobre as populações indígenas na sociedade. O processo de luta e de transformações sociais destes grupos pode ser refletido no cinema e pensado enquanto recurso didático, auxiliando a viabilização da aplicação da lei nº 11.645/2008 e possibilidades de discussões sobre a importância do estudo e do reconhecimento dessas populações.

Nesses anos em sala de aula, estabeleci uma relação com as reflexões sobre o Ensino de História, que vem se aprofundando, dia a dia, principalmente a partir dos questionamentos realizados por meus alunos e pelas situações que apresentam dificuldades de aprendizado.

ABSTRACT

Aiming to contribute with the mainstream reflections about the Teaching of the Indigenous Thematic's History, this assignment investigated the use of Cinema as a source to the study of History, with the purpose of perceiving the former as educational material for teaching. Thus, this body of work provides a historical overview of the relations between Cinema, History, and Teaching, identifying contexts and changes in the incorporation of movies in the classroom. The fundamental proposal was to reflect on the possibilities of the Indigenous Thematic's Cinema adoption in the classroom. Furthermore, the analysis deepened on the examination of cinematographic productions that produce representations of the indigenous population of Brazil and movies made by indigenous filmmakers. Concerning the methodology, this book built on a didactic synopsis and applied teaching sequences, from the selection and analysis of national films that portrait of Indigenous's figures from the 1970s



PALAVRAS-CHAVE

Parte 1. Cinema, Ensino de História e a Temática Indígena

Capítulo 1. Cinema, História e Ensino

Cinema – História – Ensino – Análise - Ideologias

Capítulo 2. Temática Indígena e Ensino de História

Representações – História – Ensino – Indígena – Imaginário

Parte 2. Cinema de Temática Indígena no Ensino de História

Capítulo 1. O filme como material didático

Cinema – História – Ensino – Material - Metodologia

Capítulo 2. O cinema e a temática indígena na sala de aula

Cinema – História – Ensino – Indígena – Representações

Capítulo 3. Etapas Metodológicas

Cinema – História – Ensino – Sequências - Metodologia

Parte 3. Sinopses Didáticas

Cinema – História – Ensino – Sequências – Metodologia – Representações
- Imaginário



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
-------------------------	-----------

PARTE 1

CINEMA, ENSINO DE HISTÓRIA E A TEMÁTICA INDÍGENA...	23
--	-----------

CAPÍTULO 1 – CINEMA, HISTÓRIA E ENSINO	25
---	-----------

Cinema e História	25
-------------------------	----

Cinema e Ensino de História	29
-----------------------------------	----

Cinema e Ensino: um balanço histórico de propostas e metodologias.....	34
--	----

CAPÍTULO 2 – TEMÁTICA INDÍGENA E ENSINO DE HISTÓRIA..	51
--	-----------

Representações das populações indígenas	51
---	----

Cinema de temática indígena	56
-----------------------------------	----

PARTE 2

CINEMA DE TEMÁTICA INDÍGENA NO ENSINO DE HISTÓRIA..	71
--	-----------

CAPÍTULO 1 – O FILME COMO MATERIAL DIDÁTICO	73
--	-----------

CAPÍTULO 2 – O CINEMA DE TEMÁTICA INDÍGENA NA SALA DE AULA	77
---	-----------

A escola	77
----------------	----

A Lei nº 11.645/2008 e o Ensino de História.....	77
--	----

CAPÍTULO 3 – ETAPAS METODOLÓGICAS	83
--	-----------

• Pesquisa entre professores.....	83
-----------------------------------	----

• Planejamento dos estudos da história indígena em sala de aula.....	86
--	----

• Relatos de prática na sala de aula	92
--	----

Indígenas - Panará e Terra Vermelha: Ensino Fundamental II.....	92
---	----

I. Cineastas Indígenas – Panará, 2005-2008.	92
--	----

II. Terra Vermelha, 2008. Marco Bechis.....	96
---	----

III. Terra Vermelha – Ensino Médio: 2012	103
--	-----

IV. Representações indígenas no cinema nacional – recortes: Ensino Médio - 2014.....	107
--	-----

• Avaliação	123
-------------------	-----

PARTE 3

SINOPSES DIDÁTICAS	127
---------------------------------	------------

Como era gostoso o meu francês.....	129
-------------------------------------	-----

Iracema, uma transa amazônica	133
-------------------------------------	-----

Iracema, a virgem dos lábios de mel.....	139
--	-----

Hans Staden	143
“Caramuru – A Invenção do Brasil”	145
Terra Vermelha	150
Xingu	156
Uma História de Amor e Fúria	165
Cineastas Indígenas – Panará	170
CONSIDERAÇÕES FINAIS	181
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	185
REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS	191
ANEXOS	193
I. Lista de filmes dos Kits do Projeto “O Cinema vai à Escola – a Linguagem Cinematográfica na Educação”	193
II. Pesquisa com professores	194
Pesquisa com professor – I	194
Quanto à Temática Indígena na Sala de Aula	194
Quanto ao Uso do Cinema no Ensino de História	196
Sobre o Cinema de Temática Indígena:	197
Pesquisa com Professor – II	199
Pesquisa com Professor – III	201
Pesquisa com Professor – IV	203
Pesquisa com Professor – V	205
Quanto à Temática Indígena na Sala de Aula	205
Pesquisa com Professor – VI	209
Quanto à Temática Indígena na Sala de Aula	209
Quanto ao Uso do Cinema no Ensino de História	209
Sobre o Cinema de Temática Indígena:	210
ÍNDICE REMISSIVO	213
SOBRE A AUTORA	215

INTRODUÇÃO

“O cinema se converteu, por méritos próprios, em arquivo vivo das formas do passado ou, por sua função social, em um agudo testemunho de seu tempo e, como tal, em um material imprescindível para o historiador que assim queira olhá-lo e utilizá-lo.”

MONTERDE, 1986, p. 102.

Este livro – fruto de uma longa pesquisa – tem como objetivo examinar a possibilidade do uso do cinema de temática indígena como material didático para o Ensino de História. Foram realizadas com os alunos análises fílmicas e de contextos históricos, refletindo sobre as representações dos índios brasileiros. Sendo assim, foi necessário traçar uma proposta didática que possibilitasse aos alunos debaterem sobre:

- A importância das obras cinematográficas enquanto objetos históricos e de veiculação de ideias da sociedade que as produziram;
- A existência, na atualidade, de povos indígenas e de sua diversidade;
- Os processos históricos vividos pelos grupos indígenas no Brasil e o quase silenciamento no Ensino de História;
- As representações das populações indígenas que transformaram os índios brasileiros em uma entidade genérica.

O presente livro está dividido em três partes. A primeira debruça-se sobre as relações entre Cinema, História, Ensino de História e Temática Indígena, buscando traçar um histórico das aproximações entre as áreas e localizar as iniciativas e discussões sobre o uso do cinema na sala de aula. Pela perspectiva das relações entre o *Cinema* e a *História*, o livro apresenta a trajetória da incorporação desse novo objeto na historiografia. Com relação ao *Cinema* e *Ensino de História*, busca identificar os momentos em que aparece, nas situações de ensino, o uso de filmes. Para tanto,

realiza uma análise histórica das iniciativas, propostas de ensino e reflexões que tratam do cinema como recurso e material didático. O *Cinema e a Temática Indígena* são estudados, por sua vez, nas suas relações históricas e, especialmente com as produções cinematográficas que abordam o índio e as representações construídas por nossa sociedade, que formam o imaginário do brasileiro.

A segunda parte apresenta a discussão sobre o cinema de temática indígena nas aulas de História. É discutido o uso do filme como material didático e as possibilidades de cumprimento da legislação a partir deste objeto. Através do aporte teórico trabalhado apresenta relatos de práticas em sala de aula com os filmes selecionados e analisados. Parto dos conceitos elaborados por Nestor Canclini e Mary Louise Pratt, acerca da *hibridação cultural*, *zonas de contato* e *interculturalidade*, para pautar as discussões dos alunos a partir dos filmes assistidos.

Na terceira parte apresento as *sinopses didáticas* – metodologia que criei para analisar os filmes - com o objetivo de auxiliar o professor a ter contato com as obras e pensar em possíveis recortes de trabalho. Este método contribui para que o cinema se torne um instrumento didático válido para o dia a dia da sala de aula.

Como um todo o livro tem a pretensão de contribuir com reflexões e possibilidades de abordagem da temática indígena no Ensino. Longe de dar cabo à totalidade dos elementos que compõem o estudo e o ensino das histórias dos povos indígenas, apresento análises de enfoques teóricos e materiais de subsídio ao trabalho do professor em sala de aula.

A importância de estudar o cinema no ensino de história é indiscutível, considerando como a sociedade atual produz e consome imagens audiovisuais e é permeada pelas informações imediatas da mídia. Isso impõe um domínio de leitura e interpretação das imagens, pelos estudantes. Sendo assim, a prática de ver e analisar filmes se faz necessária diante do modo de vida contemporâneo.

Circe Bittencourt, ao tratar de documentos não escritos na sala de aula, afirma:

Produções modernas, como filmes, registram a vida contemporânea e reconstróem o passado, revivendo guerras, batalhas e amores de outro-

ra, ou ainda imaginam o tempo futuro. Trata-se de imagens em movimento e com som. Os filmes não são registros de uma história tal qual aconteceu ou vai acontecer, mas representações que merecem ser entendidas e percebidas não como diversão apenas, mas como um produto cultural capaz de comunicar emoções e sentimentos e transmitir informações (BITTENCOURT, 2011, p. 353).

Trabalhar filmes com os alunos traz, além da dimensão histórica das produções, a possibilidade do domínio desta linguagem. A autora Rosália Duarte, afirma neste sentido, que “Ver e interpretar filmes implica, acima de tudo, perceber o significado que eles têm no contexto social do qual participam” (DUARTE, 2002, p. 107). E Marcos Napolitano, afirma que:

Boa parte dos valores e das mensagens transmitidas pelos filmes a que assistimos se efetiva não tanto pela história contada em si, mas pela forma de contá-la. Existem elementos sutis e subliminares que transmitem ideologias e valores tanto quanto a trama e os diálogos explícitos (NAPOLITANO, 2010, p. 57).

Sendo assim, o presente texto conta com as formulações conceituais acerca do cinema como documento histórico, a partir, por exemplo, da afirmação de Ferro, de que é possível realizar, através dos filmes, uma contra-análise da sociedade (FERRO, 2010). O cinema carrega em si, uma totalidade de elementos que possibilitam análises acerca da sociedade que produz e consome os filmes:

Assim como todo produto cultural, toda ação política, toda indústria, todo filme tem uma história que é História, com sua rede de relações pessoais, seu estatuto dos objetos e dos homens, onde privilégios e trabalhos pesados, hierarquias e honras encontram-se regulamentados; os lucros da glória e os do dinheiro são aqui regulamentados com a precisão que seguem os ritos de uma carta feudal: guerra ou guerrilha entre atores, diretores, técnicos, produtores, que é mais cruel à medida em que, sob o estandarte da Arte, da Liberdade, e na promiscuidade de uma aventura comum, não pode existir empreendimento industrial, militar, político ou religioso que conheça diferença tão intolerável en-

tre o brilho e a fortuna de uns e a obscura miséria dos outros artesãos da obra. Eisenstein já havia observado que toda sociedade recebe as imagens em função de sua própria cultura (FERRO, 2010, p. 19)

Para o ensino, o cinema necessita ser pensado de forma a contemplar as necessidades de aprendizagem. Para que os filmes sejam transformados em materiais didáticos, é fundamental o papel do professor como mediador (BITTENCOURT, 2011, p. 295-296). Pensar uma metodologia que alcance variadas possibilidades de trato com o cinema é imprescindível. Parto, portanto, da concepção de que os filmes devem ser entendidos a partir da sua linguagem técnica e estética, além dos conteúdos (NAPOLITANO, 2010), e fundamenta-se na proposta de estabelecer, a partir de diversas produções fílmicas, um recorte temático que contemple discussões e debates com os alunos (VESENTINI, 1988).

Partindo deste método, ao ter como objeto o cinema de temática indígena, investigo a construção de imagens acerca do índio brasileiro, a partir da noção empregada por Chartier de que representações são construções sociais e culturais, por meio de esquemas como, delimitações e padronizações, que trazem visões – tanto do passado como do presente – associadas às relações de poder (CHARTIER, 2002).

A escolha dos filmes se concretizou a partir do entendimento dessas representações. Sendo assim, foi significativo assistir e selecionar filmes que proporcionassem debates e comparações sobre as formas de entendimentos dos povos indígenas. E, com o objetivo de contribuir e ampliar as discussões sobre o entendimento desses povos foi fundamental estudar e trabalhar produções realizadas por cineastas indígenas, por apresentarem imagens a partir de suas próprias perspectivas.

As construções imagéticas das populações indígenas não são restritas ao mundo cinematográfico, tendo sido necessária a investigação sobre como, ao longo dos séculos, vêm sendo construídas as representações para os índios. Para entender os processos históricos vivenciados por esses povos, e o local destinado a eles em nossa sociedade – na historiografia, nas escolas e na mídia – foram realizados estudos que se aprofundassem na temática.

PARTE 1

CINEMA, ENSINO DE HISTÓRIA E A TEMÁTICA INDÍGENA



CAPÍTULO 1

CINEMA, HISTÓRIA E ENSINO

Cinema e História

No final dos anos 1960, os historiadores começaram a organizar encontros de estudos para debater a relação entre História e Cinema. A primeira conferência, intitulada *O Filme e o Historiador*, foi realizada em 1968, em Londres e, na década seguinte, reuniões similares passaram a ocorrer. Naquele contexto, foram publicadas três obras com o objetivo de discutir os aspectos ideológicos dos filmes e pensar como o filme de atualidade (documentário) poderia ser utilizado na escola. (ROSENSTONE, 2010, p. 41-42).

Marc Ferro foi um dos grandes responsáveis pela incorporação do cinema ao ofício do historiador a partir dos anos 1970¹. Em sua obra intitulada *Cinema e História*, afirma que:

entre Cinema e História, as interferências são múltiplas, por exemplo: na confluência entre a História que se faz e a História compreendida como relação de nosso tempo, como explicação do devir das sociedades. Em todos esses pontos o cinema intervém. (FERRO, 1992, p. 15)

A utilização do cinema como objeto ou fonte histórica foi favorecida pelas reformulações metodológicas dos estudos históricos, realizados pela “Nova História”, a terceira geração da *Escola dos Annales*, que propunha a incorporação de novos objetos para a História, e estendia as fronteiras da disciplina para abarcar maior interdisciplinaridade.

Essa tradição historiográfica ampliou a noção de documento, antes restrita aos textos: “Há que tomar a palavra ‘documento’ no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, imagem, ou de qualquer outra maneira.” (SAMARAM apud LE GOFF, 1990, p. 540).

1 Não ignora-se aqui que já na década de 1920 o cinema era visto por alguns historiadores como documento, mas a discussão metodológica da linguagem cinematográfica e das relações entre Cinema e História ganharam força a partir do movimento da Nova História.